

DEBATE

P — Se bem entendi trata o assunto até ao Renascimento Carolíngio. Tem algum conhecimento posterior a essa data que nos possa permitir dizer que a tradição gramática portuguesa, a nível da ortografia, se vai basear nos autores anteriores ao Renascimento Carolíngio, uma vez que parece que as fontes autênticas e os verdadeiros modelos se encontram antes desta data e que, depois dela, certas datas não são mais que repetições ou readaptações?

R — Eu teria algum conhecimento sobre isso, mas não me parece extremamente seguro e penso que na sala possivelmente alguém saberá com mais pertinência informar sobre isso.

P — Mas eu não digo tanto no que se refere à nossa tradição gramatical portuguesa. Tudo o que disse eu encontro-o nos gramáticos. O que eu desejava saber era se na tradição gramatical latina o período de inovação, de criação, termina por volta do séc I DC, se ele depois se repete? Não deveríamos, talvez, encontrar depois do séc I DC coisas inovadoras, as [pessoas] limitar-se-iam a repetir Quintiliano?

R — Só acrescentam supressões, ajustamentos a novos exemplos ...

P<sub>2</sub> — Agradeço ao Sr professor Rodrigues de Almeida esta lição. Tenho duas perguntas a fazer-lhe que se relacionam com um certa actualidade: o sr professor falou nessa evolução e isso esclarece-nos certas dificuldades que a gente às vezes ouve. Inclusive no tempo do Renascimento quando certos autores confundem o latim com a sua ortografia. Erasmo, grande mestre em latim, tem uma ortografia bastante diferente dos ciceronianos e contudo não se pode dizer que escreveu mal latim. O sr professor esclareceu-nos esse aspecto ... Bom, mas as duas perguntas que eu lhe gostaria de pôr são as seguintes:

- Poder-se-á aceitar que a ortografia latina, apesar de todas essas modificações e inovações, caminhou no sentido de uma simplificação? E essa simplificação aproximou a fonética e a ortografia, ou começou a abrir as divergências que se notam na vida moderna?

R — Em relação à primeira pergunta posso dizer que até ao século I AC se caminhou no sentido de uma estabilização e um número muito grande de variantes que nós temos, sobretudo em descrições, tende a desaparecer com o fim da época clássica. A partir da época clássica eu penso que, de facto, as variantes que ainda nos aparecem em descrições, sobretudo de carácter popular, são já um reflexo menos controlado de estabilização do fim da época clássica. Portanto é uma variação bastante grande que tende a reduzir-se cada vez mais até ao fim da época referida. E a partir daí há uma abertura do leque das variações que denota um certo descontrolo, diríamos um certo desconhecimento escolar, penso que bastante menor desde o período de época clássica até ao período carolíngio. Em relação à segunda questão eu diria também que o sentido da evolução da ortografia é para uma aproximação da pronúncia, portanto de situação fonética. É a partir daí que nós mantemos, diríamos, o mesmo cânone ortográfico, com um desvio ou outro, mais ou menos pronunciado, até ao princípio do século XI. Mas, de facto, o cânone ortográfico já está estabelecido. Isto não quer dizer que quando nós estudamos não tenhamos problemas reais que aqui nem sequer foram a-florados. Um deles é por exemplo a dicotomia entre v e u. Eu digo u, em alguns dos textos eu digo v. Isto reflecte da própria grafia. Eu aqui tomei uma perspectiva, digamos, mais charneira na época clássica, isto é, projectei-me para trás e projectei-me para a frente. Se eu tivesse tomado como referência o princípio do século IX em deveria manter as grafias que não temos nas gramáticas latinas [...] Em geral depois do século I DC a diferença entre a grafia e pronúncia é realmente muito grande e a variação, pelo menos nas versões oficiais, relativamente pequena.